

QUANDO COMER É UM ATO POLÍTICO: POLITIZAÇÕES DA COMIDA NA CULTURA AUDIOVISUAL

When eating is a political act: food politicization in audiovisual culture

Cuando comer es un acto político: politización de la comida en la cultura audiovisual

Nara Lya Cabral Scabin¹
Eliza Bachega Casadei²

DOI:10.31501/esf.v3i31.15020

Resumo: Busca-se compreender como discursos ligados à politização da comida são engendrados na cultura audiovisual. São caracterizados três eixos de ressemiotização da alimentação em produtos audiovisuais brasileiros elaborados em espaços hegemônicos de produção, com base nas perspectivas teóricas do dialogismo discursivo e da semiótica da cultura. Os resultados sugerem aproximações da cultura audiovisual em relação aos novos ativismos alimentares, bem como a instauração de visibilidades dissensuais.

Palavras-chave: Cultura audiovisual. Consumo. Politização. Comida. Dissenso.

Abstract: The paper aims to understand how discourses linked to the food politicization are engendered in audiovisual culture. Three axes of food ressemiotization in Brazilian audiovisual products created in hegemonic production spaces are characterized, based on the theoretical perspectives of discursive dialogism and cultural semiotics. The results suggest approaches between audiovisual culture in relation to new food activism, as well as the establishment of dissensual visibilities.

Keywords: Audiovisual culture. Consumption. Politization. Food. Dissent.

Resumen: El artículo busca comprender cómo se engendran en la cultura audiovisual los discursos vinculados a la politización de la comida. Se caracterizan tres ejes de ressemiotización alimentaria en productos audiovisuales brasileños creados en espacios de producción hegemónicos, a partir de las perspectivas teóricas del dialogismo discursivo y de la semiótica cultural. Los resultados sugieren acercamientos entre la cultura audiovisual con nuevos activismos alimentarios, así como el establecimiento de visibilidades disensuales.

Palabras-clave: Cultura audiovisual. Consumo. Politización. Comida. Disenso.

¹ Doutora; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. naralyacabral@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-7121-1142>

² Doutora; Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. elizacasadei@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0003-2810-8702>.

1 Introdução

Para Bucci (2021), se, até o século XIX, era a palavra impressa nos jornais diários que carregava o vértice da formação da opinião pública, a imagem passa a ocupar esse lugar a partir da segunda metade do século XX, funcionando como uma instância articuladora de simbolismos que atuam como uma espécie de superindústria do imaginário. Assim, a “discussão pública das opiniões” (Bucci, 2021, p. 49) ganha uma nova dimensão, a partir da qual uma gama maior de assuntos cotidianos se converte em tema de deliberação pública. A cultura do consumo, nesse engendramento, desempenha papel central. Entre seus inúmeros fenômenos, é possível observar, na esfera pública, o advento de discursos que politizam certos atos de consumo, articulando-se a representações sociais que urdem um chamamento cívico e moral ao consumo de determinados produtos.

O consumo da comida e seus diversos articuladores simbólicos na contemporaneidade (programas televisivos, *reality shows*, documentários, entre outros) configuram uma dessas instâncias. Como aponta Arruda (2019, p. 8), o entretenimento *gourmet*, “com interface econômica e simbólica, com interações sociais e conflitos, possibilitou novos modos de construção da opinião pública, com novas formas de cidadania e até de fazer política”. Assim, um olhar transversal para recentes produtos audiovisuais brasileiros que abordam temáticas relacionadas à alimentação nos conduz a uma profusão de narrativas que, não obstante suas muitas singularidades, parecem compartilhar a centralidade conferida à percepção de que comer é, definitivamente, um ato político.

Este é o fio condutor, por exemplo, da proposta editorial de *O joio e o Trigo*, portal fundado em 2017 pelos jornalistas João Peres e Moriti Neto, que lançaram em 2020 o *podcast Prato Cheio*, descrito

Artigos Livres

como o “primeiro podcast do Brasil voltado a investigações sobre alimentação” (O Joio e o Trigo, s.d/, *online*). Mais recentemente, o programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, abordou, em episódio veiculado em 11 de outubro de 2022, o manejo sustentável do pirarucu no sudoeste do estado do Amazonas. Exibida poucos meses após os assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips – crimes que geraram comoção mundial e chamaram a atenção para o problema da pesca ilegal no Brasil –, a reportagem reúne ampla gama de entrevistados, de ativistas a *chefs* de cozinha (Profissão Repórter, 2022).

Entretanto, como procuraremos mostrar neste artigo, narrativas jornalísticas não são as únicas que colocam em evidência a dimensão política da alimentação: também produções televisivas de entretenimento – como programas culinários, por exemplo – parecem encampar essa percepção. Indo além, não somente o *comer* é representado como ato político, mas também o *cozinhar* – em suas dimensões sociais, afetivas e estéticas singulares. Nessa perspectiva, como veremos, o *político* extrapola a esfera da política institucional, em representações que conectam responsabilidades individuais e coletivas na cultura audiovisual.

Em discussões acadêmicas, não é novidade o reconhecimento quanto ao caráter decisivo que dinâmicas político-sociais desempenham em processos de produção alimentar e acesso aos alimentos. Porém, como salientam Portilho, Castañeda e Castro (2011, p. 100), uma parcela expressiva dos debates mais tradicionais sobre a alimentação como campo político limita-se a enfatizar questões relacionadas à arena do Estado, tais como segurança alimentar e nutricional, políticas nutricionais e agrícolas ou regulamentação da publicidade de alimentos.

Artigos Livres

Desafiando esse enfoque “estadocêntrico”, é possível observar a emergência, em anos recentes, de “um novo aspecto político e politizador da alimentação”, que leva a percepção sobre *o que* comemos e *como* comemos a ocupar “o centro dos debates políticos” (Portilho et al., 2011, p. 100). Ao lado de questões controversas, como o advento dos organismos geneticamente modificados, a repercussão gerada por escândalos alimentares a partir do final dos anos 1990 – como a “doença da vaca louca”, que causou intensa preocupação em diversos países – parece ter desempenhado papel decisivo no sentido de expandir o debate sobre alimentação para além dos círculos de decisão das políticas institucionais de segurança alimentar e nutricional, fazendo-o ganhar “a grande mídia, o debate público e a esfera das decisões cotidianas” (Portilho et al., 2011, p. 100). Com efeito, em diferentes espaços da sociedade, a alimentação passou a ser percebida como questão política no que diz respeito não apenas às suas formas macrossociais de produção, distribuição e comercialização, mas também a seus modos e locais de aquisição e preparo³. Para Portilho (2020), essa tendência pode ser relacionada à consolidação de uma “segunda geração” de ativismo alimentar no Brasil⁴.

Segundo a autora, nos primeiros anos do século XXI, uma concepção institucional da alimentação como campo político, até então predominante, foi deslocada pela ação de organizações, movimentos sociais e grupos de protesto, cujas reivindicações têm buscado dar corpo a um “vasto

³ Não deixa de ser relevante observar que, com a volta do Brasil ao Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas, em 2015, a falta de acesso regular a alimentação adequada por grande parcela da população brasileira – problema agravado durante a pandemia de Covid-19, a partir de 2020 – voltou ao centro das preocupações por parte de movimentos sociais, pesquisadores e lideranças políticas (Guedes, 2022).

⁴ Concordamos com Portilho (2020) quando a autora aponta que, embora presenciemos hoje uma efervescência de pesquisas sobre a organização de movimentos sociais em torno de temas alimentares, o ativismo alimentar não é, exatamente, um fenômeno novo, especialmente na América Latina e em outras regiões do Sul Global. Assim, o que caracterizaria o campo interdisciplinar de reflexões sobre a alimentação como campo político, na contemporaneidade, seria “um processo de expansão e transbordamento, da esfera institucional para a esfera privada, cotidiana e rotineira da comida e do comer” (Portilho, 2020, p. 413).

Artigos Livres

leque de demandas, estilos de vida e conexões entre a produção, a distribuição e o consumo de alimentos” (Portilho, 2020, 415). Assim, como traço fundamental dessa nova geração de ativismo alimentar, destaca-se a tendência à pluralização de pautas, que incluem questões ambientais e climáticas, a defesa da sociobiodiversidade e o bem-estar animal.

Ao mesmo tempo, as transformações em curso nas duas últimas décadas apontam para deslocamentos nas relações históricas no interior do campo alimentar, de modo que nos parece adequado falar em mudanças que tensionam o próprio *habitus* desse campo social – isto é, conforme Bourdieu (2017), o conjunto de regras internalizadas por seus atores sociais. No caso da politização da comida associada a uma nova geração de ativismo alimentar, estão em jogo mudanças em dinâmicas internas ao campo da alimentação que ocorrem, segundo Portilho (2020), a partir da ação de quatro grupos principais de atores sociais: movimentos sociais do campo; ativistas em defesa de formas de produção alternativa e sustentável; *chefs* de cozinha; e consumidores (e suas organizações).

Ainda segundo Bourdieu (2017), transformações no *habitus* de um campo podem realocar capital e colocar em xeque formas estabelecidas de distinção, contestando lógicas de exclusão/inclusão que operam sobre as capacidades classificantes dos indivíduos. No caso da tendência à pluralização das pautas relacionadas à alimentação que passam a ser percebidas como políticas, referimo-nos a deslizamentos simbólicos que impactam as formas de comer e cozinhar percebidas como legítimas. Com efeito, a *comida* ganha centralidade em relação ao *alimento* e à

Artigos Livres

alimentação, o que se traduz, inclusive, no reposicionamento de prescrições nutricionais por parte do Estado, que passam a valorizar o *comer* e a *comensalidade*⁵.

Ainda no mesmo sentido, como assinala Portilho (2020), ganham força questões de ordem estética, que, elaboradas na esfera do consumo, implicam na recente hipervalorização do capital gastronômico e levam à visibilização de temas ligados ao território, à sociabilidade em torno da mesa e à cultura alimentar. Trata-se, assim, de um cenário que, na esteira do que diversos autores têm destacado (Portilho et al., 2011; Portilho, 2020; Barbosa, 2009), deve ser compreendido à luz de tensionamentos que reposicionam formas tradicionais de participação política, em face de modos menos institucionalizados e hierárquicos de ação. Para Canclini (2010), tais mudanças no repertório político das sociedades contemporâneas acompanham reconfigurações nos vínculos entre cidadania e consumo, apontando para a emergência deste último como espaço privilegiado de manifestação política – processo que será discutido, em maior profundidade, na próxima seção do artigo.

Diante de tal cenário, o presente artigo busca mapear e discutir algumas das formas pelas quais discursos ligados à politização da comida e do comer emergem e se articulam em produtos audiovisuais brasileiros elaborados em espaços hegemônicos de produção. Trata-se de objetivo pertinente na medida em que as transformações em processos históricos no interior do campo alimentar não se dão sem transformações discursivas materializadas em discursos diversos, com destaque para discursos audiovisuais. Esse objetivo se torna particularmente relevante à luz da

⁵ Vale lembrar, a esse respeito, da consternação pública gerada quando, em 2017, o prefeito de São Paulo, João Dória, criou um programa para distribuir, para famílias de baixa renda, um composto granulado que rapidamente ficou conhecido como “ração humana”, tornando-se alvo de críticas de especialistas e nutricionistas. À época, a repercussão do caso foi marcada pela circulação, em redes sociais digitais, de um vídeo de 2007 no qual Dória, então apresentador do programa de TV *O Aprendiz*, afirmava que pessoas pobres não possuiriam “hábito alimentar” (Betim, 2017).

Artigos Livres

crescente interpenetração entre os campos midiático e alimentar, do processo de midiatização da culinária e da gastronomia e da emergência de novas ambiências midiáticas por meio das quais a comida e a cozinha se comunicam (Lima, 2011; Souza et al., 2017; Jacob, 2012).

A fim de alcançar o objetivo central do artigo, propomos a caracterização de três eixos de negociações discursivas da alimentação que, longe de esgotarem os tensionamentos semântico-axiológicos⁶ da politização da comida na cultura audiovisual, parecem demonstrar algumas de suas manifestações mais recorrentes. Para tanto, destacamos casos de produções audiovisuais brasileiras recentes que evidenciam os principais aspectos de cada eixo: os programas culinários *Cozinha Prática*, apresentado por Rita Lobo, *Bela Cozinha*, conduzido por Bela Gil, e *Tempero de Família*, protagonizado por Rodrigo Hilbert, todos eles do canal brasileiro de TV por assinatura GNT; e a série documental *Nosso Brasil*, dirigida pela *chef* de cozinha e apresentadora Paola Carosella e disponibilizada no YouTube⁷. Como ferramentas analíticas, recorreremos à concepção de *dialogismo discursivo* segundo o Círculo de Bakhtin (Brait, 2014; Faraco, 2003) e à *semiótica da cultura* de Lotman

⁶ Empregamos o adjetivo “semântico-axiológicos”, a partir da obra de Faraco (2003), em referência à perspectiva compartilhada por pensadores do Círculo de Bakhtin a propósito das refrações e lutas de sentido e de valor que caracterizam as mais variadas manifestações discursivas, entendidas como invariavelmente ideológicas.

⁷ Sem pretender realizar uma análise exaustiva e/ou sistemática desses objetos, os exemplos citados abarcam programas televisivos ou produtos que, embora disponibilizados pela internet, são apresentados por figuras midiáticas ligadas ao mundo da televisão, escolha que se justifica pelo fato de a TV constituir um *locus* privilegiado de mediações e negociações discursivas da comida contemporaneidade. Dessa forma, variando entre os formatos *programa culinário* e *série documental*, priorizamos produções vinculadas a espaços hegemônicos de produção e conduzidas por *chefs* e apresentadores de prestígio.

Artigos Livres

(1996, 1999)⁸, perspectivas tomadas como pontos de partida para a compreensão dos processos de *ressemiotização* que propomos entender como característicos da politização da alimentação.

Ainda, como forma de fundamentar teórica e contextualmente a discussão proposta, realizamos, na próxima seção do artigo, uma breve revisão do processo de politização do consumo em geral, de modo a ser possível situar a politização da alimentação, como fenômeno particular, em um quadro mais amplo de reacomodações simbólico-discursivas.

2 A alimentação na arena da politização do consumo

Para Rocha et al. (2015, p. 322), “o consumo tornou-se uma arena privilegiada de disputas de poder e expressão política”. Isso porque o caráter simbólico dos bens, bem como “certas formas de comércio e sociabilidades geradas em espaços de compra” promovem “mecanismos de articulação entre o sistema classificatório do consumo e as reivindicações de direitos, prestígio e relações de força da política”. Em outras palavras, a simbologia que os bens carregam pode ser convertida em plataforma para a atuação pública de grupos sociais e disputa por apoio para suas reivindicações. O consumo funciona, nesse sentido, como código e suporte para a participação política, contestação ideológica e envolvimento em espaços de poder.

⁸ A partir da definição de *semiosfera* enquanto espaço de semiotização da realidade, a semiótica da cultura de Iuri Lotman (1996, 1999) entende o espaço social como ambiente marcado por trocas e negociações de sentidos em relações capazes de produzir novos textos. Tal entendimento se baseia na concepção de que a cultura precisa ser traduzida em um sistema de signos capaz de codificá-la, o que ocorre por meio de um processo que “gera textos, textos de cultura ou culturais, isto é, a informação codificada de um certo modo que se introduz na memória coletiva” (Nunes, 2019, p. 201). Nesse sentido, a semiosfera se constitui como espaço de constante semiose, “a partir de mecanismos de tradução, permanência, transmissão e exclusão de signos, códigos e textos” (Nunes, 2019, p. 201).

Artigos Livres

A experiência de politização do consumo, contudo, é um fenômeno de difícil apreensão porque abarca práticas bastante diversas e, muitas vezes, pouco estruturadas e transitórias – como, por exemplo, um tipo de contrato simbólico entre empresas e consumidores que se projeta “sobre as consequências de produzir e vender (para marcas e empresas) e de consumir e descartar (para o consumidor)” (Echegaray, 2012, p. 45); a articulação de grupos de consumidores que se organizam para “averiguar a aderência do posicionamento da celebridade às expectativas valorativas e ideológicas do consumidor, confrontando-a em termos da coerência entre suas práticas simbólicas/performativas célebres e suas ações na vida pública e ordinária” (Postinguel et al., 2020, p. 1); ou, ainda, a ação de grupos sociais que se valem da mediatização do consumo como meio para a articulação de formas de *visibilidade dissensuais*⁹ como modo de protesto político (Rocha & Santos, 2021).

Neste trabalho, partimos da compreensão de Echegaray (2012) a propósito da politização do consumo. Para esse autor, a politização do consumo expressa práticas de

[...] seleção ou rejeição de produtos e/ou produtores com base em considerações socioambientais, políticas ou éticas, e com o objetivo de promover algum resultado de cunho político (que afete direta ou indiretamente a produção ou distribuição de bens públicos e seus geradores privados) (Echegaray, 2012, p. 49).

⁹ Dialogamos, aqui, com a conhecida distinção proposta por Rancière (1996, p. 42) entre *política* e *polícia*. Ao passo que o campo da polícia, para o autor, define “a distribuição dos lugares e funções” legitimada na cultura, a política é reconhecida como o lugar do dissenso, o espaço em que as representações socialmente compartilhadas são contestadas e uma nova distribuição simbólica é proposta. Assim, nos termos do autor, a polícia é “uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos de fazer, os modos de ser e os modos de dizer, que faz que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa” (Rancière, 1996, p. 42). A política, por sua vez, segue outra lógica: “a atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho” (Rancière, 1996, p. 42). Quando nos referimos a processos de politização da comida, fazemos menção à redistribuição simbólica de objetos de consumo que tem seus sentidos deslocados do campo da polícia (ou seja, do espaço simbólico que já lhe era designado pela cultura) para um espaço de dissenso a partir da reconfiguração de seus sentidos.

Artigos Livres

Interessam-nos, especificamente, os enquadramentos midiáticos – e, mais especificamente, audiovisuais – sobre essa questão, entendendo as mídias como atores que medeiam o caráter simbólico de tais atos de consumo e sua produção de significados políticos. Posto que os mercados não são apenas instâncias de troca de bens, mas também campos políticos, na medida em que os produtos trocados carregam significados compartilhados (Huff et al., 2021, p. 22), importa-nos o modo como as instâncias midiáticas operam uma redistribuição simbólica que, na esfera pública, realoca os sentidos vinculados a uma mercadoria de forma a tornar o objeto de consumo símbolo do tratamento de uma injustiça, ou *dano*, percebido (Rancière, 1996) – dano este que pode ser de ordem econômica, racial ou de gênero, por exemplo. Nessa perspectiva, a mercadoria se torna política quando seus sentidos se voltam para práticas representacionais que buscam reposicionar lugares sociais consolidados.

A politização do consumo, nesse sentido, está constituída em torno de movimentações simbólicas a partir das quais há a “constituição de sujeitos específicos que assumem o dano, conferem-lhe uma figura, inventam suas formas e seus nomes” (Rancière, 1996, p. 52) – de modo que são materializadas, nas mercadorias, demandas sociais de diversas ordens a partir de sua circulação pública. Assim, são revestidos de simbologias políticas objetos e atos de consumo que, tradicionalmente, eram percebidos como apolíticos (Echegaray, 2012), em um movimento de ressemiotização.

Evidentemente, trata-se de um fenômeno contraditório e não livre de conflitos. Como proposto por Fontenelle (2010, p. 2019), processos de ressemiotização desse tipo muitas vezes estão vinculados a discursos neoliberais, baseados na ideologia do eu-autônomo: “O que os discursos pelo consumo

Artigos Livres

responsável parecem sugerir é uma exigência do ‘governo de si mesmo’ também no campo do consumo, supondo ou requerendo um sujeito racional, reflexivo, ciente dos seus atos e responsável por eles”. Assim, “tais discursos podem ser inseridos dentro da temática da ‘gestão do eu’, em que está explícita uma proposta de ‘liberdade de escolha’ e, conseqüentemente, de uma responsabilidade pessoal pelos atos praticados” (Fontenelle, 2010, p. 219). Para a autora, trata-se de discursos que operam na chave de amenização da culpa pelos atos de consumo, espécie de hedonismo envergonhado dos excessos da sociedade de consumo.

Diante desse contexto, o campo alimentar é especialmente fértil para os estudos de politização do consumo. Isso porque “o ato de comer, assim como os aspectos e práticas que o acompanham, parece recobrir-se de um caráter ético bastante peculiar”, alinhando-se a valores mais amplos como “saudabilidade, bem-estar e sustentabilidade” (Silva & Mozdzenski, 2019, p. 86). Esses valores proliferam nas práticas midiáticas, de modo que, “ora vinculadas à saúde e ao bem-estar, ora à defesa do meio ambiente e dos pequenos produtores de alimentos”, as práticas de alimentação saudável “são grandemente propagadas, exibidas e até mesmo estimuladas, não raro, com viés proselitista” (Silva & Mozdzenski, 2019, p. 86).

[...] por buscarem solucionar problemas sociais bastante concretos e de interesse coletivo – como a obesidade e as doenças crônicas – ou por envolverem doses de autodisciplina e até de sacrifício pessoal”, os meios de comunicação de massa medeiam “o ato de comer em um *statement*, isto é, em um manifesto político ou declaração de valores com os quais se está engajado” (Silva & Mozdzenski, 2019, p. 87).

Muitas vezes, tais discursos sobre práticas alimentares adquirem contornos compensatórios, engatando-se à ideia de que seria possível solucionar problemas alimentares sociais amplos a partir de

Artigos Livres

gestos individuais bem direcionados. Assim, para Sacramento et al. (2019), há um comportamento *nosopolítico*¹⁰ na cultura midiática contemporânea, que politiza os alimentos ao enquadrá-los em discursos que não apenas pregam a vida saudável a partir da profilaxia, mas convocam os sujeitos para a *responsabilidade individual* por escolhas alimentares melhores e mais conscientes – escolhas estas que se materializam em personalidades midiáticas com poder de mobilização política.

Adensando esse argumento, Melo e Bittencourt (2020, p. 7, grifos nossos) defendem que “a alimentação está na base dos moralismos contemporâneos”, uma vez que “se ‘a gente é o que a gente come’, pode-se deduzir pelo alimento consumido o caráter do consumidor”¹¹. Desse modo, opções alimentares se conectam a movimentos políticos mais amplos, posto que “alguém que continua comendo carne pode ser considerado uma pessoa insensível ao sofrimento animal, aos problemas do meio ambiente e a uma vida sustentável, estando do lado das forças do mal”. Assim, “alimentar-se traz consigo o peso moral de se responsabilizar pelas suas escolhas” (Melo & Bittencourt, 2021, p. 7) – ainda que sob a lente de uma moralidade erigida pelas regras de mercado e da cultura de consumo.

A partir do pressuposto de que “ativistas classificam alimentos como ‘bons’, ‘limpos’ ou ‘justos’, num mundo em que cada escolha culinária está cheia de significado, propósito e virtude e no qual a opção por comidas ditas ‘de verdade’ passa a significar ‘autonegação abstinência’”¹² (Silva & Patriota,

¹⁰ Michel Foucault (2021) denomina como “nosopolítica” um tipo de política de saúde que, emergindo no século XVIII, diz respeito a uma política social que eleva à saúde à condição de responsabilidade coletiva e ideal a ser alcançado.

¹¹ Trata-se, evidentemente, de expressão de uso desgastado em discursos midiáticos, além de vastamente polemizada e contestada nas esferas da gastronomia e da nutrição. Não seria viável, nas dimensões deste artigo, recuperar de maneira satisfatória tais debates. Cabe, porém, ressaltar que, longe de endossar seu sentido, sublinhamos o termo em questão dada sua presença recorrente em discursos midiáticos que emergem como parte de processos de politizações da comida em produtos audiovisuais.

¹² De modo mais específico, a defesa por alimentos ditos “bons”, “limpos” e “justos” diz respeito não a todos os ativismos alimentares, mas sim, ao movimento conhecido como *slow food*.

Artigos Livres

2018, p. 3), buscamos observar, nos próximos tópicos do artigo, como discursos que medeiam a politização da alimentação materializam-se em exemplos de produtos audiovisuais contemporâneos, entendendo tais produções como *loci* privilegiados para a observação do fenômeno em foco, tendo em vista a recente e ampla proliferação de programas televisivos e títulos em catálogos de plataformas de *streaming* dedicados a temáticas relacionadas à culinária e à gastronomia, em que pese ainda a emergência da figura midiática do “chef-celebridade” (Oliveira, 2016). De fato, para Trindade e Augusto Júnior (2015, p. 185), é pertinente observar “que o processo de *gatekeeping*¹³ no que se refere a opinião dos chefs de cozinha ganhou relevância a partir de programas [...] que passam a disseminar por meio da mídia de massa as qualidades e aspectos sofisticados dos alimentos bem preparados”, bem como modos legitimados ou não de consumo alimentar.

3 Dos sentidos da alimentação na cultura audiovisual: três eixos de ressemiotização

Da semiosfera, conforme Lotman (1996, 1999), participam tanto estruturas nucleares, em que se depositam discursos normalizantes e sentidos consolidados, quanto estruturas marginais, em que se encontram sentidos em disputa e processos de significação emergentes. Não se trata, porém, de estruturas estanques; ao contrário, sentidos nucleares e marginais estão em constante interação, do que podem surgir descontinuidades e rupturas de sentido. Assim, levando a mudanças na estrutura de

¹³ Trindade e Augusto Júnior (2015) apontam que a expressão *gatekeeping* – e seu correlato *gatekeeper* – teria se originado, ainda nos anos 1940, do contexto de estudos sobre alimentação, em referência ao processo de seleção de alimentos a partir da criação de cardápios. Já na década de 1950, a expressão passou a ser empregada em estudos de comunicação para tratar do processo de seleção de notícias veiculadas pela imprensa – processo no qual o jornalista se apresenta como uma espécie de *gatekeeper*, isto é, como um “guardados dos portões” (Pena, 2007).

Artigos Livres

toda a semiosfera, encontros entre diferentes campos semióticos ocorrem em áreas de *fronteira*, marcadas por uma intensa e frutífera produção de novos textos (Scherer, 2021).

À luz desse processo, propomos compreender as expressões de politização da alimentação na cultura midiática contemporânea, razão pela qual buscamos, a partir dos exemplos de objetos audiovisuais destacados neste artigo, priorizar a identificação de relações dialógicas indiciárias de processos semióticos fronteiriços. Aqui, entendemos o *dialogismo* tal como concebido na perspectiva do Círculo de Bakhtin – base da relação eu/outro, que constitui o ser humano, a vida e a linguagem (Brait, 2014) –, compreensão que possibilita considerar o atravessamento não apenas de enunciados específicos, mas da própria cultura, entendida como texto cultural, por relações dialógicas entre posições semântico-axiológicas.

Como nos lembra Brait (2014, p. 515), “pelas relações dialógicas, que se caracterizam como arena de valores ideológicos, estabelecem-se identidades e diferenças, constantemente em tensão, em conflito, construídas na e pela linguagem verbal, visual, verbo-visual”. As vozes que circulam socialmente interagem conforme jogos de poder, marcados pela relação entre forças culturais *centrífugas* e *centrípetas* (Faraco, 2003). Dessa forma, a opção pela perspectiva do dialogismo bakhtiniano como lente para compreender as produções audiovisuais em foco neste artigo – todas elas elaboradas em espaços hegemônicos de produção – implica em priorizarmos os encontros conflituosos entre posições de sentido e valor, que tensionam áreas fronteiriças em práticas e representações da alimentação.

Considerando essa perspectiva, procuramos, a seguir, caracterizar três eixos de ressemiotização da alimentação em produtos audiovisuais. Convém observar, não obstante, que a separação dos eixos atende a finalidade puramente analítica, já que, na materialidade discursiva das produções midiáticas, são muitos e recorrentes os atravessamentos entre eles. Da mesma forma, a ordenação dos eixos não representa uma sequência cronológica de suas manifestações em produtos audiovisuais.

3.1 Mais que alimento: comida como bem-estar e qualidade de vida

As representações midiáticas que integram o que propomos considerar como um primeiro eixo de ressemiotização da alimentação parecem ter, em relação aos demais eixos que procuramos descrever neste artigo, presença mais recorrente em produtos audiovisuais – ao menos, no Brasil; além disso, já foram mais estudadas por pesquisadores brasileiros que se dedicam às relações entre alimentação e política. Sintetizados na defesa da chamada “comida de verdade” – denominação que adquire destaque na cultura midiática como parte da construção da alimentação como “lugar de verdade no contemporâneo” (Bitencourt & Melo, 2020) –, os enunciados deste primeiro eixo pressupõem e tensionam, a todo momento, uma posição semântico-axiológica contestada e contestável – aquela representada pela cozinha de base industrial, vista como “artificial”. Assim, a própria tomada do termo “comida de verdade” implica em desestabilização da posição ocupada pela *comida* na semiosfera: há a *comida de verdade* e, também, a *comida não-de-verdade* – ou, no limite, a *não-comida* –, em uma distinção entre o que seria *comida* e o que seria meramente *comestível*.

Artigos Livres

A defesa da “comida de verdade” aparece em produções audiovisuais como manifestação discursiva que demarca uma partilha entre as práticas de consumo alimentares *desejáveis* em detrimento das *indesejáveis* (Silva & Patriota, 2018), associando-se “a processos de celebração de indivíduos através do que chamaremos de perícia no estilo de vida saudável” (Sacramento et al, 2019, p. 156). Estamos diante, nesse sentido, de representações midiáticas que enquadram processos de seleção – e, também, de rejeição – de produtos com base em considerações de natureza principalmente ética, convocando os sujeitos espectadores a responsabilizarem-se individualmente por escolhas alimentares mais conscientes como caminho para a construção, no plano coletivo, de uma “vida melhor”. Encontramos aí o acionamento de pautas próprias da segunda geração de ativismo alimentar no Brasil, sobretudo a partir de temas ligados à relação produção/consumo dos alimentos, a questões ambientais, à valorização da sociabilidade em torno da mesa e à defesa do bem-estar animal (Portilho, 2020).

Ao assumir o rótulo “comida de verdade” – que implica em evidente estranhamento pelo deslizamento dos sentidos associados ao signo “comida” –, *chefs* midiáticos contestam os discursos da indústria alimentícia, apresentando outras representações da cozinha como forma de tratamento de um *dano* – para utilizar a expressão de Rancière (1996) – culinário ou gastronômico associado ao consumo de alimentos pouco saudáveis e/ou ultraprocessados. Este é o movimento fundamental de negociação discursiva que caracteriza os programas culinários¹⁴ *Cozinha Prática*, apresentado por Rita Lobo, e *Bela Cozinha*, conduzido por Bela Gil, ambos do canal brasileiro de TV por assinatura GNT. Não obstante,

¹⁴ Por *programas culinários*, entendemos programas televisivos caracterizados, do ponto de vista de seus conteúdos temáticos, pela abordagem de práticas de cozinha; do ponto de vista de sua estrutura composicional, pela valorização de narrativas de preparação de receitas; e do ponto de vista de seu estilo, pelo caráter predominantemente didático ou instrucional (Autor).

Artigos Livres

para além das confluências entre as produções, já exploradas por outros pesquisadores¹⁵, consideramos fundamental observar os pontos de distanciamento nas formas pelas quais as apresentadoras dos dois programas se posicionam, uma vez que tais disputas e controvérsias¹⁶ parecem constituir importante marca das relações dialógicas que caracterizam este primeiro eixo de ressemiotização da alimentação. Mais especificamente, referimo-nos ao contraponto entre a defesa de uma “cozinha artesanal”, “feita em casa”, baseada na proposta de ampliação do domínio de técnicas culinárias pelos telespectadores e sua consequente reconexão com a comida não ultraprocessada (proposta de *Cozinha Prática*); e a defesa de uma “cozinha natural” como fundamento de uma vida saudável, baseada tanto no conhecimento sobre as propriedades nutricionais dos alimentos quanto em processos sustentáveis (proposta de *Bela Cozinha*).

Em *Cozinha Prática*, chama a atenção a valorização do saber-fazer da *chef*-apresentadora enquanto alguém que não só detém conhecimentos especializados de gastronomia e domina as técnicas para extrair o melhor sabor dos alimentos, como também sabe *traduzi-los* de forma didática para o telespectador. O programa tem como proposta mostrar que todo mundo pode cozinhar – e, com isso, depender menos de alimentos industrializados. No início do primeiro episódio da terceira temporada¹⁷, por exemplo, ao discutir as várias concepções possíveis de praticidade na cozinha, Rita

¹⁵ Destacamos, especialmente, a pesquisa de Bittencourt e Melo (2020), que propõe uma consistente análise dos canais de Rita Lobo e Bela Gil no YouTube.

¹⁶ Em fevereiro de 2017, quando um seguidor no Twitter pediu que Rita Lobo ensinasse a fazer “maionese de óleo de coco e iogurte”, a apresentadora respondeu: “1) Isso não é maionese; 2) Trate seu distúrbio alimentar”. O tuíte rapidamente viralizou, sendo interpretado como expressão das divergências entre Rita Lobo e Bela Gil, uma vez que esta última é conhecida pelas receitas que propõem a substituição de ingredientes pouco saudáveis por outros mais benéficos à saúde (Idoeta, 2017).

¹⁷ Trata-se do episódio mais antigo de *Cozinha Prática* disponível na plataforma de *streaming* *Globoplay*, razão pela qual optamos por destacá-lo aqui.

Artigos Livres

Lobo afirma: “A verdade é que existem muitas maneiras da gente deixar a cozinha mais prática justamente pra gente não ter que depender da lasanha congelada comprada pronta”; em seguida, reforçando a contraposição entre as posições semântico-axiológicas da *cozinha industrial* e da *cozinha artesanal*, a *chef* acrescenta, ao apresentar a receita do dia (lasanha à bolonhesa): “Vamos redimir a injustiça de esse prato tão gostoso ter virado sinônimo de comida comprada pronta” (Rita Lobo *apud* Lasanha, 2014, s./p.).

Já Em *Bela Cozinha*, em seu primeiro episódio, a apresentadora fala sobre sua relação com a comida, permeada pela afetividade à mesa aprendida em família, mas consolidada a partir do estudo de diferentes propostas dietéticas “alternativas” (veganismo, crudivorismo, ayurvédica). Bela Gil é descrita como *chef* e nutricionista formada pela Hunter College, em Nova York, cidade em que são captadas as imagens que abrem o episódio. Ao falar de suas referências culinárias, ela afirma que “comida, além de dar prazer, também pode ser nosso melhor remédio” (Bela Gil *apud* NY, 2014, s./p.). A produção valoriza, assim, o saber-fazer da apresentadora enquanto uma espécie de “alquimista” da cozinha, que não apenas se preocupa em extrair o melhor sabor dos alimentos, como também ressignifica a linguagem da culinária, o que fica particularmente claro pela forma como Bela Gil propõe, com frequência, trocas de ingredientes de receitas tradicionais – aspecto, aliás, bastante satirizado em *memes* que circulam em redes sociais digitais¹⁸. Essa lógica ao mesmo tempo *substitutiva* e *restritiva* da cozinha de Bela Gil fica clara nos títulos dos episódios de *Bela Cozinha*, que incluem frases como, por exemplo, “Pouco açúcar, muito afeto”, “Deleite-se sem leite” e “Não arrisque, mas petisque” –

¹⁸ Postagens com a foto de Bela Gil e a frase “Você pode substituir”, acompanhada pelas combinações as mais diversas de itens a serem substituídos por outros, tornaram-se populares em redes sociais digitais após a estreia da *chef* de cozinha na TV, o que lhe rendeu o título de “rainha dos memes” (Faria, 2018).

Artigos Livres

expressões também de dialogização, por meio de construções bem-humoradas, de posições semântico-axiológicas da cozinha (de um lado, certo sentido de *excesso* e pouca *saudabilidade*; de outro, uma posição marcada pela conjunção de sentidos de *contenção* e *bem-estar*).

Para Silva e Patriota (2018, p. 2), a defesa da “comida de verdade” se aproxima de um *ethos* salvacionista a partir do qual escolhas e ações do dia a dia passam a “comportar novos significados para indivíduos e podem adquirir elevados níveis de prestígio social”, manifestando uma “cultura do heroísmo”. Ao mesmo tempo, os autores sublinham o “forte teor moral ou moralizante não raros no discurso de Bela Gil”, presente na forma como ela convoca os consumidores a ajustarem suas vidas a uma ética peculiar, marcada pelo “caráter otimista em relação às potencialidades humanas” (Silva & Patriota, 2018, p. 10). Trata-se, portanto, de um discurso que é triangulado para o espectador, na medida em que é conferida ao indivíduo “não apenas uma responsabilidade prática acerca de sua própria saúde (e consequente felicidade), como também uma responsabilidade moral, já que todas suas ações não são apenas atos e sim provas qualificativas de seu próprio caráter” (Sacramento et al, 2019, p. 162). Em suma, política e consumo coadunam-se a partir de um discurso de autorresponsabilidade, autodisciplina e vigilância sobre os indicadores da própria saúde.

3.2 Mais que o que se come: processos produtivos e impacto socioambiental

Como um segundo eixo de ressemiotização da alimentação, identificamos representações midiáticas que se articulam a partir da proposta de visibilizar processos de produção dos alimentos que, sobretudo em ambientes urbanos, são invisibilizados ou pouco visibilizados. De modo geral, tais

Artigos Livres

representações problematizam o enfraquecimento dos vínculos sociais com a comida e em torno dela, buscando contestar entendimentos sobre a comida e a cozinha presentes em um quadro de visibilidades percebido como hegemônico.

Dessa forma, encontramos, neste eixo, interfaces importantes com demandas trazidas à luz, no Brasil, a partir da segunda geração de ativismo alimentar, com destaque para a discussão sobre as conexões entre produção, distribuição e consumo, a defesa da sociobiodiversidade e o resgate de vínculos com o território (Portilho, 2020). Nesses termos – e potencializando deslocamentos observados a propósito do eixo anterior –, o foco dos enquadramentos midiáticos deixa de ser o *alimento*, no sentido do que *mata a fome* ou *nutre* o corpo, e passa a recair sobre a *comida*, representada em face dos processos de produção e das relações socioculturais que a engendram.

Como caso exemplar deste segundo eixo de ressemiotização da alimentação, elegemos o caso da série documental *Nosso Brasil*, dirigida por Paola Carosella e disponibilizada no canal gerido pela *chef*-apresentadora no YouTube¹⁹. Em quatro episódios, a *chef* acompanha o trabalho de marisqueiras em um quilombo localizado no Recôncavo de Maragogipe, na Bahia. Com esse mote, a produção se propõe a resgatar modos tradicionais de produção da comida, visibilizando os saberes de seus sujeitos e tensionando não apenas discursos estabelecidos no campo alimentar, mas também as próprias visibilidades midiáticas que invisibilizam as dimensões socioeconômicas implicadas na cadeia produtiva dos alimentos. No início do primeiro episódio, a diretora apresenta a motivação que teria levado à criação da série:

¹⁹ Em 28 de novembro de 2022, o canal de Paola Carosella no YouTube contava com 1,84 milhões de inscritos e mais de 86 milhões de visualizações; já os quatro episódios da série *Nosso Brasil* tinham entre 44 e 113 mil visualizações na mesma data.

Artigos Livres

Faz tempo que eu tenho o desejo de mostrar um pouco mais para as pessoas o que eu percebo desse momento de alienação que a gente tem nas grandes capitais, de como que a comida impacta nas pessoas, na terra, nas sociedades, nas comunidades. Eu sinto que, pra nós, que vivemos em grandes capitais, o fato de comer ocupa um espaço muito pequeno e ele não nos impacta mais. Ele não nos une mais. Ele não nos ensina mais. E ele não traz muitas mais referências culturais, nem de tempo, nem de espaço, nem de história. E isso cria ainda mais uma alienação, né? Então, o lugar onde se produz a comida pareceria ser um lugar que ninguém entende, ninguém conhece qual é, e, de uma forma mágica, ela chega na nossa mesa quase que já pronta (Carosella, 2022, *online*).

Na fala de Paola Carosella, fica evidenciada uma dialogização de posições semântico-axiológicas que se coloca como pano de fundo aos enquadramentos da comida em *Nosso Brasil*: de um lado, uma posição ou discurso ligado ao apagamento das relações sociais, culturais e produtivas da comida em visibilidades que se mostram hegemônicas nas sociedades urbanas; de outro, a reivindicação do resgate e da valorização das dimensões da história e do território como eixos norteadores da relação dos sujeitos com a comida – e das formas de representá-la. Respondendo à primeira posição por meio da defesa da segunda, a produção propõe-se a “desalienar” o consumidor/espectador pela promoção de práticas mais conscientes tanto de *consumo material* (ou seja, dos alimentos propriamente dito) quanto de *consumo simbólico* (isto é, das narrativas midiáticas sobre comida).

Nesse movimento de ressemiotização, encontramos o deslocamento de uma representação da comida enquanto *o que vemos* e *o que comemos*, já que comida diz respeito também àquilo que *não vemos* de forma imediata – ou seja, os processos de produção dos alimentos, sua historicidade, saberes culinários ancestrais, relações de tempo e espaço. Nessa fronteira da semiosfera, ganham espaço disputas em torno das (in)visibilidades da comida, considerada como processo integral e

Artigos Livres

complexo; disputas em torno do jeito de ver e entender a comida; no limite, disputas em torno dos próprios sentidos associados à comida.

3.3 Para além das representações hegemônicas: diversidade e afirmação identitária

Como elemento fundamental do que propomos considerar como um terceiro eixo de ressemiotização da alimentação na cultura audiovisual, identificamos representações que buscam deslocar – ou, ao menos, tensionar – discursividades hegemônicas acerca da comida, marcadas pelos efeitos de poder da colonização e pelo domínio da branquitude, por meio da afirmação de representações da alimentação pautadas pela valorização da diversidade e lutas pelo reconhecimento de grupos minorizados.

Este é, provavelmente, o eixo de ressemiotização menos recorrente em produtos audiovisuais, dentre os três observados neste artigo. Por esse motivo, não identificamos, ao menos em espaços hegemônicos de produção audiovisual, um programa que seja, do começo ao fim, pautado por suas movimentações semântico-axiológicas. Com expressões esparsas de ressemiotização da alimentação ligadas à valorização da diversidade alimentar e da afirmação de culturas alimentares historicamente subalternizadas, destacamos o caso do programa culinário *Tempero de Família*, apresentado por Rodrigo Hilbert no GNT. Evidentemente, são muitas as limitações crítico-políticas de tais representações, mobilizadas em um programa culinário apresentado por um homem branco e heterossexual, símbolo de uma “(hiper)masculinidade inalcançável” (Casadei; Scabin, 2022, p. 13), em um canal ligado a um poderoso conglomerado de mídia. Não obstante, consideramos a presença de

Artigos Livres

tais limites e negociações discursivas reveladora da forma como a politização da alimentação – sobretudo, mas não exclusivamente, neste terceiro eixo de ressemiotização – manifesta-se em espaços hegemônicos de produção audiovisual.

Como exemplo, podemos citar o primeiro episódio da temporada 10 de *Tempero de Família*, exibida em 2020, no qual Hilbert conversa com a ativista alimentar Tainá Marajoara, de Belém do Pará, sobre a relação entre comida, ancestralidade e espiritualidade para os povos originários. A entrevistada fala sobre o incômodo com a posição que desvaloriza a comida da Amazônia, caracterizando-a como “exótica” e busca afirmar a relação com o alimento e o território como componente fundamental de sua identidade enquanto mulher amazônica (Cultura, 2020). Também na temporada 15 do programa, exibida em 2022, observam-se representações da cozinha pautadas pela valorização da diversidade. Ao longo dos episódios, Rodrigo Hilbert busca apresentar os saberes culinários do vilarejo de Santo André, no sul da Bahia, com destaque para práticas e ingredientes indígenas. Não à toa, ao abrir a temporada, Hilbert recorre a uma frase de Ailton Krenak para argumentar sobre a importância e a beleza da partilha à mesa: “A gente anda mesmo é em constelação”.

Na sequência do episódio, o apresentador conversa com o cacique do território indígena Mata Medonha, localizado no município de Santa Cruz de Cabralia, sobre as violências sofridas por povos originários no Brasil. A dada altura, Hilbert indaga sobre a importância do resgate da cultura alimentar, questão respondida pela professora Nayhé: “[A cultura alimentar] é o forte da gente ainda na comunidade. Não é porque a gente come o arroz, o feijão, a carne, que a gente esquece do peixe assado, esquece do nosso cauim...” (Território, 2022, s./p.). Ao longo do diálogo, são mobilizadas posições semântico-axiológicas em tensão: de um lado, o apagamento da cultura alimentar indígena –

Artigos Livres

o que justifica a preocupação com seu resgate; de outro, o reconhecimento de sua importância e a afirmação de sua presença. Da mesma forma, a uma suposta necessidade de “pureza” cultural – posição rejeitada nas falas do apresentador e de integrantes da comunidade –, contrapõe-se a afirmação de uma identidade alimentar híbrida.

Esse movimento de ressemiotização parte do entendimento de que discursividades hegemônicas da alimentação constituem lugares de *consenso*, nos termos de Rancière (1996). Dessa forma, buscam-se instaurar aberturas ao *dissenso* (Rancière, 1996) por meio de *outras* representações da comida, capazes de constituir-se em alternativas representacionais a partir da valorização da diversidade alimentar e pela afirmação de identidades subalternizadas através do valor de seus saberes culinários. Observamos, nesse sentido, uma aproximação entre as discursividades presentes em produtos audiovisuais e posições defendidas por movimentos recentes de ativismo alimentar – com destaque para a defesa da sociobiodiversidade e a visibilização de temas ligados à cultura alimentar (Portilho, 2020). Ao mesmo tempo, em sentido mais amplo, os produtos observados no trabalho evidenciam tentativas de incorporar pautas defendidas por movimentos sociais em defesa dos direitos humanos e, em particular, de grupos minorizados no Brasil, a partir de temáticas alimentares.

Considerações finais

Ao longo do artigo, procuramos identificar e discutir aspectos comuns aos espaços de dissenso abertos e às visibilidades tensionadas/produzidas como parte dos processos de deslizamentos semântico-axiológicos que constituem a politização da alimentação em produtos audiovisuais

Artigos Livres

comandados por *chefs*-celebridades. Mais precisamente, observamos esses programas como estruturas mediadoras de relacionamento entre a opinião pública e os atos de consumo alimentares, a partir das discursividades acionadas nessas produções.

Assim, por meio dos exemplos destacados, buscamos evidenciar como a dialogização de diferentes posições semântico-axiológicas em produções audiovisuais corresponde também ao tensionamento entre estruturas da semiosfera, uma vez que os discursos (emergentes) da politização da alimentação na cultura audiovisual instauram dissensos em relação às representações (nucleares) presentes em um vasto histórico de discursividades que assinalam uma dissociação entre comida e política.

De modo mais específico, os três eixos de ressemiotização que procuramos descrever têm, como elemento comum, a priorização da *comida* em detrimento do *alimento*, de modo que aspectos socioculturais, éticos e morais são postos em pé de igualdade – senão em posição superior – em relação a questões nutricionais.

Encontramos, portanto, ora a afirmação da comida como sinônimo de saúde, ética e bem-estar – como no caso de *Bela Cozinha* – ou de qualidade de vida – como no caso de *Cozinha Prática*. Ora, há a preocupação com a visibilização dos processos produtivos por detrás da comida que chega à nossa mesa – como na série documental *Nosso Brasil*; ora, finalmente, a afirmação da diversidade sociocultural e do valor de identidades historicamente subalternizadas por meio da comida.

Por tudo isso, é possível observar a existência de movimentos de politização da alimentação baseados não apenas na aproximação em relação a pautas de movimentos ativistas, mas também na

Artigos Livres

instauração de lugares de *dissenso*, para usar o conceito de Rancière (1996), a partir do reconhecimento e representação de diferentes danos: no caso do primeiro eixo de ressemiotização descrito, o dano causado pelo consumo da comida industrializada; no caso do segundo eixo de ressemiotização, o dano da invisibilidade, desistoricização e desterritorialização da comida; e, finalmente, no caso do terceiro eixo, o dano gerado pela falta de reconhecimento da diversidade alimentar e do valor da culinária de grupos subalternizados em discursos hegemônicos acerca da comida.

Artigos Livres

Referências

- Arruda, L. (2019). *Do gourmet à gourmetização: a interface econômica e simbólica da gastronomia midiaticizada*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Mato Grosso].
- Barbosa, L. (2009). Comida e sociabilidade no prato do brasileiro. In Barbosa, L.; Veloso, L.; Portilho, F. (Orgs.). *Consumo: cosmologias e sociabilidades*. Mauad.
- Betim, F. (2017, 18 de outubro). João Doria e arcebispo de São Paulo: “Pobre não tem hábito alimentar, pobre tem fome”. *El País Brasil*. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/18/politica/1508347385_718583.html.
- Bittencourt, B.; Melo, C. (2021). Diga-me o que comes que te direi quem és: questões morais em torno da alimentação. *Contracampo*, 39(3), 1-15.
- Brait, B. (2014). Mikhail Bakhtin. In: Citelli, A. et al. (Orgs.). *Dicionário de comunicação* (pp. 512-516). Contexto.
- Bucci, E. (2021). *A superindústria do imaginário*. Autêntica.
- Canclini, N. G. (2010). *Consumidores e cidadãos*. Editora UFRJ.
- Carosella, P. (2022). Quadro novo! - Nosso Brasil episódio 1. YouTube, 01 out. 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=xa2Hk-C-HOA&list=RDCMUcyWjZRvcqvzc8Fkd9czV9vQ&index=1>.
- Casadei, E. B.; Scabin, N. L. C. (2022). Lugar de homem é na cozinha? Negociações discursivas das masculinidades em programas culinários do GNT. *E-compós*, 25, 1-17.
- Cultura Alimentar (temp. 10, ep. 01). (2020). *Tempero de Família*. Dir. Dandara Guerra. GNT.
- Echegaray, F. (2012). Votando na prateleira: a politização do consumo na América Latina. *Opinião Pública*, 18(1), 44-67.
- Faraco, C. A. (2003). *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Criar Edições.
- Faria, A. E. (2018, 28 de julho). Rainha dos memes, Bela Gil faz da comida ato político; confira sua receita de salpicão vegano. O melhor de São Paulo, *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/o-melhor-de-sao-paulo/restaurantes-bares-e-cozinha/2018/07/1976204-rainha-dos-memes-bela-gil-faz-da-comida-ato-politico-confira-sua-receita-de-salpicao-vegano.shtml>.
- Fontenelle, I. (2010). O fetiche do eu autônomo: consumo responsável, excesso e redenção como mercadoria. *Psicologia & Sociedade*, 2(22), 215-224.
- Foucault, M. (2021). *Microfísica do poder*. Paz e Terra.

Artigos Livres

Guedes, A. (2022). Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. *Agência Senado*.

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-a-senadores-e-estudiosos>.

Huff, A. et al. (2021). The Politicization of Objects: Meaning and Materiality in The U.S. Cannabis Market. *Journal of Consumer Research*, 48(1), 22-50.

Idoeta, P. A. (2017, 30 de agosto). Rita Lobo: Obsessão por dietas estraga alimentação perfeita do brasileiro. *BBC Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40969454>.

Jacob, H. (2012). Gastronomía: os ambientes midiáticos e as linguagens da comida e da cozinha. *Communicare*, 12(2), 113-125.

Lasanha (temp. 03, ep. 01). (2014). *Cozinha Prática*. Dir. Joana Mendes Da Rocha, Cassia Dian, Sheila Komura. GNT.

Lima, L. H. S. (2011). *Os processos de mediação da cozinha paulista: do Arraial à metrópole*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo].

Lotman, I. (1996). *La semiosfera I*. Ediciones Cátedra.

Lotman, I. (1999). *Cultura y explosión*. Gedisa.

Nunes, M. R. F. (2019). Memória do futuro, explosão, pancronia: a semiótica de Lotman e os estudos da memória e do tempo nas teatralidades juvenis. *Bakhtiniana*, 14(4), 192-210.

NY - Rio: As Bases da Cozinha Saudável de Bela Gil (temp. 01, ep. 01). (2014). *Bela Cozinha*. Dir. Pedro Waddigton, Isabel Nascimento Silva. GNT.

O Joio e o Trigo. Quem somos. (2022). *O joio e o trigo*, [s./d]. <https://ojoioetrigo.com.br/quem-somos/>.

Oliveira, C. C. (2016). Das concepções e representações do gosto pela mídia: reflexões acerca da imagem estetizada da comida na divulgação de receitas culinárias. *Culturas Midiáticas*, IX(15), 136-150.

Pena, F. (2007). Teoria do Jornalismo. Contexto.

Portilho, F. (2020). Ativismo alimentar e consumo político – Duas gerações de ativismo alimentar no Brasil. *Redes*, 25(2), 411-432.

Portilho, F.; Castañeda, M.; Castro, I. R. R. (2011). A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. *Ciências & Saúde Coletiva*, 16(1), 99-106.

Artigos Livres

Postinguel, D. et al. (2020). #AnittalsOverParty ou fiscalizando Anitta: celebridades, consumidores e tramas políticas em rede. *E-compós*, 23(1), 1-27.

Profissão Repórter. (2022, 12 de outubro). Sistema de manejo garante pesca legal e sustentável do pirarucu no Amazonas; veja como funciona. *G1*.

<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/10/12/sistema-de-manejo-garante-pesca-legal-e-sustentavel-do-pirarucu-no-amazonas-veja-como-funciona.ghtml>.

Rancière, J. (1996). *O desentendimento*. Editora 34.

Rocha, E. (2015). A corte, o chá e o voto: o consumo como arena política. *Intexto*, 1(34), 322-341.

Rocha, R. M.; Santos, T. (2021). Por entre secreções e excrementos: a performance da abjeção na monstrosidade de Hija de Perra. *Imagofagia*, 1(24), 97-121.

Sacramento, I. et al. (2019). As transformações da expertise sobre saúde na cultura contemporânea: uma análise do Instagram da Bela Gil. *Logos*, 26(1), 154-174.

Scherer, A. A. (2021). Fronteiras da diversidade na publicidade contemporânea. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais...* Recife: Intercom.

Silva, B.; Mozdzenski, L. (2019). De portas abertas para o consumo: retórica da McDonald's sob pressão. *Signos do Consumo*, 11(2), 84-97.

Silva, B.; Patriota, C. (2018). Comida de verdade: uma heroica tentativa de superação da morte. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais...* Joinville: Intercom.

Souza, L. S.; Trindade, E.; Sousa, R. C. (2017). Mediações e midiatização do consumo alimentar: #taeq e tendência da saudabilidade na rede. *Rizoma*, 5(2), 235-250.

Território Mata Medonha (temp. 15, ep. 01). (2022). *Tempero de Família*. Dir. Dandara Guerra. GNT.

Trindade, E.; Augusto Júnior, S. N. (2015). Aprofundamentos de aspectos conceituais entre as mediações culturais e a midiatização do consumo alimentar. *Anais...* São Paulo: VI Propesq PP.